

UTILIZAÇÃO DO JARDIM SENSORIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA COMO ESPAÇO EDUCATIVO

Letícia do Carmo Dutra Dias¹, Guilherme de Souza Dias Andrade², Breno Moreira¹, Anderson Vilela de Freitas³, Rafael Rodrigues de Paiva¹, Juçara de Souza Marques³, Natália Costa Ramos³, Daniel Sales Pimenta⁴

¹Mestrandos em Ecologia, Universidade Federal de Juiz de Fora

²Mestrando em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Universidade Federal de Minas Gerais

³Graduandos em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora

⁴Professor Doutor – Departamento de Botânica, Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Dentre os vários aspectos que podem ser abordados em um Jardim Sensorial, está o desenvolvimento de questões educacionais, principalmente relacionadas à botânica e à educação ambiental. Este trabalho teve como principal objetivo realizar uma avaliação inicial utilizando o Jardim Sensorial da UFJF como espaço educativo não-formal para o ensino de botânica, focando-se na etnobotânica. A atividade contou com uma palestra sobre etnobotânica e uma visita guiada ao Jardim Sensorial, sendo entregue um questionário ao final desta visita. A análise das respostas demonstrou que o olfato foi o sentido mais estimulado e que dentre as 32 plantas existentes 13 foram mais interessantes aos visitantes. Além disso, observamos que lembranças e conhecimentos dos participantes vieram à tona enquanto manuseavam as plantas, percebendo uma correlação com o cotidiano deles e as informações adquiridas durante a atual visita.

Palavras-chave: Educação ambiental; Espaço não formal de ensino; Etnobotânica; Jardim Sensorial.

Introdução

Com interesse por atividades e locais diferenciados para o ensino tem aumentado a procura por espaços não-formais (Faria *et al.*, 2011), como Museus, Centro de Ciências, Jardins Botânicos e Zoológicos. Esses locais são capazes de criar maior vínculo entre o que é ensinado e o cotidiano dos alunos, desenvolvendo os conhecimentos de forma mais prática, prazerosa e interativa. Os Jardins Sensoriais, além de todos os aspectos terapêuticos, culturais e sociais, também podem ser frequentados com o foco na questão educacional. Enquanto aviva as percepções sensoriais e intensifica as relações entre ser humano e natureza, os Jardins Sensoriais, como ressaltado por Borges & Paiva (2009), tem a possibilidade de serem utilizados como ferramenta didática, abordando principalmente temas relacionados à botânica, educação ambiental, conhecimento e percepção do corpo humano.

O objetivo deste trabalho foi, além de estimular a percepção sensorial dos visitantes, realizar uma avaliação inicial utilizando o Jardim Sensorial da UFJF como espaço educativo não-formal para o ensino de botânica. Principalmente no intuito de fazer uma abordagem sobre etnobotânica, integrando os saberes e curiosidades dos visitantes aos conhecimentos formais.

A etnobotânica é entendida basicamente como a disciplina científica que se ocupa da inter-relação entre plantas e populações humanas (Albuquerque, 1997). Configura-se como um importante instrumento de levantamento, compreensão e registro do conhecimento popular sobre o uso das plantas, conhecimento este que envolve trocas de informações entre as pessoas e do entendimento destas sobre o ambiente em que vivem, sendo permeadas por fatores culturais e sociais (Costa, 2002).

Material e Métodos

A atividade ocorreu no segundo período letivo de 2011 e foi realizada parte em sala de aula e parte no Jardim Sensorial da UFJF. Participaram alunos do grupo de agroecologia da UFJF e do curso de licenciatura de Ciências Biológicas, num total de 14 pessoas, sendo que previa-se o envolvimento de mais entrevistados, porém o espaço foi fechado para reformas. Dentro da sala de aula foi apresentada uma palestra sobre etnobotânica e em seguida os alunos se encaminharam para o Jardim Sensorial, onde houve uma introdução e explicação geral sobre o Jardim, seus objetivos, pessoas envolvidas, sendo também esclarecido que sua infraestrutura ainda passaria por reformas.

O Jardim Sensorial “Carlos Alberto Marques” (Figura 1) está localizado no *Campus* da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O Jardim é baseado no Opy (Ôpã = casa de reza) Tupi-Guarani, sendo constituído por três canteiros, dispostos em formato circular. A entrada (leste) está voltada para o sol nascente (fogo), seu oposto (oeste) é a terra do poente, ao sul o elemento água vem com as chuvas, e ao norte temos o ar de expansão (Jecupé, 1998). O canteiro mais externo é ornamental e os dois internos são voltados para a exploração sensorial, principalmente sem o auxílio da visão.



Figura 1. Jardim Sensorial da UFJF. (A) e (B) Aspectos antes da sua atual reforma. (C) Projeção dos arquitetos demonstrando infraestrutura planejada.

Para a visita guiada foram levantadas informações básicas sobre as plantas, tais como origem, habitat e utilizações principais. Além disso, foram confeccionados vendas e folders contendo informações sobre o jardim e as plantas presentes. O percurso foi realizado em sentido horário, em grupos de três pessoas vendadas e com o auxílio de monitores, responsáveis por guiar o grupo e fornecer informações sobre a planta que era manuseada. Ao final da primeira volta, feita com os olhos vendados, os alunos puderam tirar as vendas e andar pelo jardim. Terminada essa segunda volta, foram entregues os folders explicativos com o seguinte questionário:

- 1) Quais plantas mais te interessaram no jardim? Por quê?
- 2) Quando você estava com a venda, o que mais te chamou atenção? E depois de tirá-la?
- 3) Você conseguiu identificar alguma planta? Quais?
- 4) Qual (quais) dos sentidos (tato, olfato ou visão) foi mais estimulado? Por quê?
- 5) Que mudanças você sugere para melhorar o jardim?

Resultados e Discussão

Do total das 32 plantas existentes no Jardim Sensorial, 13 chamaram mais a atenção dos visitantes (Figura 2), como respondido na primeira questão “Quais plantas mais te interessaram no jardim? Por quê?”. Os principais motivos pela preferência foram as características percebidas pelo tato e olfato (n=9); apenas pelo olfato (n=4) e uso na culinária (n=1).

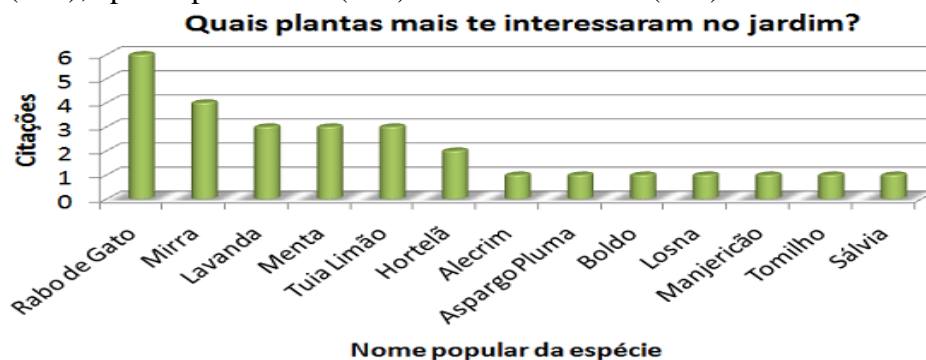


Figura 2. Número de citações das plantas indicadas como mais interessantes pelos entrevistados

Como esperado, de olhos vendados, o que mais chamou a atenção foram as sensações do tato e olfato, enquanto que sem as vendas, foram as cores, formas e a maior segurança para percorrer o Jardim. As respostas à terceira pergunta “Você conseguiu identificar alguma planta? Quais?” foram todas positivas e as espécies identificadas estão na Figura 3.

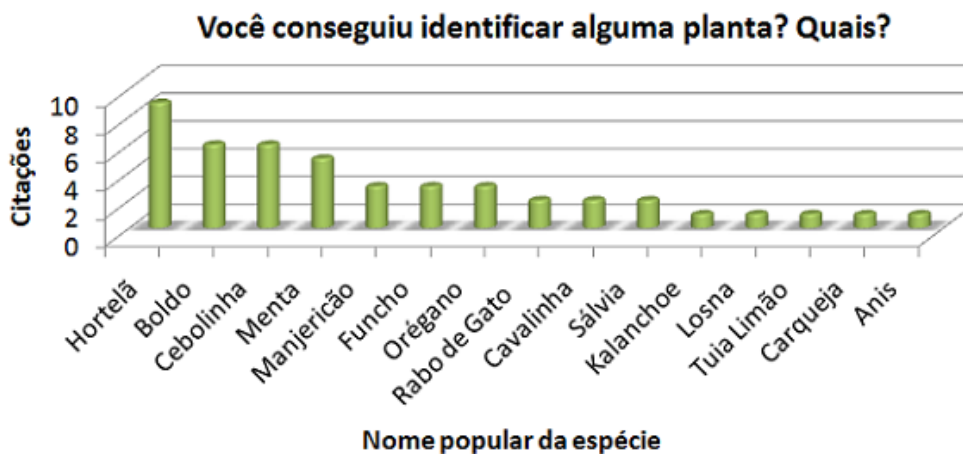


Figura 3. Número de citações de plantas identificadas pelos entrevistados

A quarta questão “Qual (quais) dos sentidos (tato, olfato ou visão) foi mais estimulado? Por quê?” apontou o olfato como o mais estimulado (n=8), principalmente por causa das características das plantas. E a última pergunta “Que mudanças você sugeriria para melhorar o jardim?”, demonstrou algumas necessidades que já eram previstas e que estão sendo melhoradas na atual reforma. Exemplos são a sugestão de melhorias no piso, de um local para lavar as mãos e modificações para atendimento às pessoas deficientes. Além disso, como também sugerido, nas próximas visitas serão disponibilizadas maiores informações sobre as espécies presentes.

Um dado relevante e que não foi demonstrado pelo questionário, mas percebido no momento das visitas, foi o desencadeamento de lembranças e conhecimentos dos participantes (ainda de olhos vendados) que vieram à tona enquanto manuseavam as plantas. Memórias de já terem usado aquele tempero ou tomado algum chá com aquela erva, entre outras recordações. Viu-se que os alunos percebiam uma correlação real entre o seu cotidiano e o que estava sendo passado, e acabavam se interessando mais pelas informações fornecidas. Confirmando ser o Jardim Sensorial um local que pode ser utilizado como um espaço não formal de ensino.

Agradecimentos

Agradecemos aos participantes, ao Bruno E. Conde pela palestra de etnobotânica e à Pró-Reitoria de Extensão da UFJF pelo apoio no Projeto “Manejo da flora do campus da UFJF e floras da região”.

Referências

- ALBUQUERQUE, U.P. 1997. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmácia**, v.78, n.3, p.60-64.
- BORGES, T.A. & PAIVA, S.R. 2009. Utilização do jardim sensorial como recurso didático. **Rev. Metáfora Educacional**, n.7, p. 27-39.
- COSTA, M.A.G. 2002. Aspectos Etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporinga, SP. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Botucatu, São Paulo. 134p.
- FARIA, R.L; JACOBUCCI, D.F.C. & OLIVEIRA, R.C. 2011. Possibilidades de ensino de botânica em um espaço não-formal de educação na percepção de professoras de ciências. **Rev. Ensaio. Belo Horizonte**, v.13, n.1 p.87-104.
- JECUPÉ, K.W.; **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio**. 4ª ed. São Paulo: Peirópolis. 1998.